

A PROPOSITO DE INSULTOS

O camarada Emilio Costa iniciou no *Germinal* uma série de artigos nos quais se propõe expor a sua opinião sobre a atitude dos anarquistas perante a guerra. Essa opinião, que promete ser contrária à nossa, discutí-la hemos com o maior desejo de desfazer os malentendidos se os houver, mas atacando enérgicamente tudo o que porventura nos pareça errôneo e perigoso, sem traír, nas palavras ou nos sentimentos, a estima que nos merece um homem como Emilio Costa.

E entretanto, para começar, façamos algumas observações ao seu primeiro artigo.

Emilio Costa deplora amargamente os insultos usados nas discussões motivadas no nosso campo pela guerra, semeadora de discórdias, confusionismos, entusiasmos irrefletidos e abandonos. E tem razão: a injúria é uma espécie de *chantage* intelectual, de coacção moral, reminiscência do espirito inquisitorial: «se não vês as coisas, como eu as vejo, chamo-te nomes feios!»

Mas era de esperar que o camarada Emilio Costa registasse imparcialmente os impérios de parte a parte. E será capaz de nos dizer quem começou?

Por nossa parte, vimos desde o principio da guerra violentamente injuriados, escarnecidos e tratados com alto desdém os que não seguiram a corrente guerreira e neo-patriótica, a qual depois esmoreceu um nadinha perante a realidade brutal...

«Sofistas», «dogmáticos cretinizados», «assombrosos cretinizados», «vis», «inquisidores», «imbecis»,—tem sido uma chuva abundante de amabilidades, capaz de satisfazer as mais exigentes regateiras.

Foram os guerristas os que primeiro se puderam servir da imprensa, tendo havido até quem não sentiu escrúpulo em utilizar os grandes diários burgueses para atacar os seus camaradas. Lugares há onde os atacados não tem jornais para responder e onde arriscariam muito se respondessem; mas isso não acorda a consciencia nem os escrúpulos dos guerristas em liberdade. «O mais enraivecendo»—escrevia-nos há semanas um camarada francês—é que é difícil reagir aqui contra os uivadores: o risco seria demasiado...»

E vem-nos o camarada Emilio Costa falar de falta de serenidade e de acrimónia da parte dos... outros, citando-nos um exemplo! E então que exemplo!

Malatesta escreveu a um camarada uma carta, pedindo-lhe que, no caso de ver Bonafoux, seu amigo há muitos anos, transmita a este a sua estranheza, vendo-o dar lições, éle que não é anarquista, aos que de anarquistas deviam ser mestres, aos que se esquecem dos interesses dos trabalhadores e atraçoam a causa da Internacional, pondo-se ao serviço dos opressores.

Emilio Costa acha condenável que Malatesta se tenha deixado

arrastar a falar em traição (o que éle aliás já tinha feito no seu primeiro artigo, traduzido para o nosso número de 22 de Novembro, considerado pelos adversários como correcto e elevado), tanto mais que se dirige a um burguês, que amanhã é capaz de pedir a força para éle.

Não sabemos se Bonafoux será capaz de pedir amanhã a força para o seu amigo Malatesta, por quem mais do que uma vez tem mostrado a sua admiração; mas sabemos que os artigos do burguês Bonafoux são há muitos anos traneritos amiude pela imprensa anarquista.

Mas se Emilio Costa mostra conhecer pouco Bonafoux, menos conhece ainda Malatesta, lançando-lhe a injúria gratuita de o supor movido, no evio daquelle recado a Bonafoux, pelo elogio que este tinha feito à sua atitude! Malatesta deve estar farto de elogios de amigos e adversários, e nunca éles lhe desviaram a pena do seu caminho. Muito maiores elogios lhe tem feito Krapótkine, o qual sabemos que forma dele elevadissimo conceito, e isso não impede que Malatesta combata com energia o seu velho amigo.

O que moveu Malatesta foi evidentemente a attitudão assumida por Bonafoux desde o começo da guerra, numa série de artigos, que temos lido em *Tierra y Libertad*.

«E não é humilhante e penoso para nós, que julgamos as nossas ideas hoje mais justas e confirmadas do que nunca, o espectáculo de um jornalista, rebelde e irreverente, mas não anarquista, representando o papel que aos anarquistas sobretudo compete e que alguns dêstes entre os mais cotados, abandonaram?»

A palavra *traição* é realmente um pouco forte, porque pode envolver a idea duma mudança interesseira de opiniões.

Mas, excluindo esse móbil, que nome dar ao abandono duma idea, dum método de luta, precisamente no momento crítico da sua applicação?

Como ficar indiferente ou mole, quando não se trata duma questão académica, entre sábios de gabinete ou diletantes, nem duma questão teórica secundária, mas da applicação dum método de acção, dum grande ganho ou perda de tempo no caminho da emancipação, ou mesmo dum desvio fatal do movimento libertador?

Malatesta não é impulsivo e a sua linguagem é sempre serena e elevada, sem ser débil. Um dos seus maiores talentos de organizador é justamente o de saber conciliar e agrupar forças e entusiasmos, sem renunciar à critica dos processos e modos de ver. As palavras da sua carta não envolvem injúria deprimente, mas pretendem apenas exprimir uma dolorosa situação de facto.

E se dêste caso nos occupamos é, não para defender Malatesta, mas para que desde já fixemos certos pontos.

Esplendida educação—não é verdade?

Não me foi possível presenciar esta scena ridicula, as fundamentalmente desmoralisadora, sem que as lagrimas me viessem aos olhos.

O que podem vir a ser estas creanças, assim educadas? Por um lado, o animatógrafo com os seus crimes, os seus «fantomas» e polícias amadoras á caça do homem; por outro, a tal educação chamada patriótica, que dispõe a creança para odear todo o ente humano que seja doutra raça ou de outra nação (agora odiavam-se os alemães, austriacos, etc.) e que faz pensar noite e dia (sen do mesmo o tema dos seus brinquedos) em cabeças que se arrancam, em corpos que se mutilam. Pobres pequeninos!

Eles ouviram, talvez, muitas vezes falar em caridade: ensinaram, áqueles que são educados religiosamente, que nos devemos amar uns aos outros e que foi um Deus quem o disse, para testemunhar esta verdade; eles ouviram também dizer que não se mata,

que não se rouba, que aqueles que o fazem cometem um crime abominavel, para castigo do qual são encerrados em prisões e despeçados por todos os homens de bem. Eles ouviram tudo isto. E, no entanto, hoje estão vendo—tremenda contradicção,—que os grandes mandam os seus exércitos combater uns contra os outros, que se roubam as terras de cada um, que ha gloria e honra em matar, em exterminar, em incendiar.

Lança-se nesses pequeninos corações nescidos para o amor, para o bem, a semente que amanhã ha de germinar e produzir ódio e vingança? Em nome da Justiça, do Direito, da Igualdade e Fraternidade, lançar-se-hão amanhã, quando forem homens uns contra outros, nações contra nações, pátria contra pátria! Hoje cortam a cabeça aos soldados, aos homens de chumbo; amanhã degolarão os soldados, os homens verdadeiros. E tudo isto para bem da Humanidade, da Liberdade, e da Fraternidade.

Pobres pequeninos! Pobres creancinhas, boas e lindas das nações aliadas! Pobre alemães doces e loiros, que uma educação não deixaria estragar!

Como todos esses pequenitos se abraçariam e procurariam entender-se—mesmo que não falassem bem as línguas estranhas—se todos os dias não estivessem ouvindo palavras de vingança, se constantemente não fossem educados na religião do ódio—um ódio que deforma os seus pequeninos cérebros!

Como seria bom respeitar essas vidas que começam, nortendo os seus sentimentos no sentido duma solidariedade mais larga e mais completa!

Querem educa-las no ódio? Pois bem! Que odeiem a guerra—já que não podem ignorá-la!

MARIA CONTI

Os que ganham

com a guerra

Camiões e bacalhau

O jornal do sr. dr. Antonio José de Almeida, a simpática *Republica* que nos trata por veneravel e excelente *Noticia*, pede-nos explicações acerca dos camions e dos fornecimentos por gente de guela larga—a que no nosso artigo da segunda-feira nos referimos.

Pois não soube que, aqui ha mezes, se tratou de uma aquisição de um camion automovei e que num sábado saiu o edital, em corpo 6, em dois jornais e o prazo para apresentação de propostas acabava na segunda-feira, ás 10 horas da manhã?

Dizia-se que o tipo do camion pedido no edital era o de uma casa representada em Lisboa e que já fizera passear por essas ruas o seu formoso carro, já tão bem pintado que parecia adquirido pelo Estado.

E um jornal que gratuitamente nos detesta, mas que nem por isso deixaremos de citar, *O Paiz*, levantou um grito de *pégal pégal pégal* que deu o edital em aguas de bacalhau—como costuma dizer *O Mundo* dos evolucionistas e de nós, conforme o vento que sopra.

E quanto aos fornecimentos, pergunta o dr. Almeida ao seu correlligionario e nosso amigo coronel Manuel Maria Coelho, se o tal bacalhau, que se vendia ao Estado a 40 CENTAVOS O QUILO, não foi em Louanda substituído por outro pôdre...

A 40 centavos quando qualquer mortal, que não compre milhares de quilos o alcançava a 25 ou 30 centavos—é realmente duro de roer qualquer bacalhau... mesmo que seja para a tropa.

E o que ha que dizer por agora; a seu tempo, porém, dir-se-ha o resto; e por esperar não perderá a *Republica* mais nada e a *Republica* só perderá o tempo, que naturalmente queria aproveitar em comentarios judiciosos e energicos. «*Noticias*» de 30-12-94.

Tornecimento para o exército

Será verdade que uma conhecida fábrica do Porto está fabricando «bonetas» para o exercito, milhares de «bonetas», sem que tal fornecimento tenha sido adjudicado por concurso?

Será verdade que outro casa, também do Porto, está trabalhando dia e noite para fornecer, «sem concurso», panos para os uniformes do exercito?

Será verdade, ainda, que, «também sem concurso», uma terceira casa do Porto vai fornecer milhares e milhares de pares de botas para soldados? E se tudo isto é verdade, em que lei se fundam para adquirir tudo sem concurso? (Da *Noticia*, de 30 de Dezembro).

O que é afinal um Estado? Eu não conheço a definição clássica. Tenho esta para meu uso: um bando que só se lembra de nós quando lhe falta grão no papo. Tem unicamente aquilo que lhe damos. E gasta sempre e come sempre!

Tomaz da Fonseca.
(Deputado)

Karl Liebknecht

não está só

Dissemos que dos políticos social-democráticos alemães só Liebknecht se manifestara ruidosamente contra a guerra, ao que sabíamos. Tampouco mostrámos confiança na massa inerte e sem ideas claras, recrutada apenas para fazer número eleitoral e cotizante.

Mas, além dos pastores de origem ou sentimentos burgueses e do rebanho obediente, há um fermento, uma minoria activa e inteligente, em regra de procedência proletária. E é ela que constitui a nossa melhor esperança e vai criando na Alemanha uma corrente já sensível e conhecida cá fora.

Merrheim, um dos revolucionários franceses que maior coerência dão aos seus escritos nesta conjuntura, a avaliar pelo que dele temos lido, mostra isso mesmo nam artigo publicado na *Bataille Syndicaliste* de 20 de Dezembro e intitulado: *A Internacional antes de tudo—Karl Liebknecht está só!*

Resumindo uma brochura alemã intitulada *Em luta pelos nossos principios*, Merrheim descreve os incidentes a que aludimos em 6 de Dezembro, succedidos no seio do partido socialista do reino de Vurtemberg. Como a Comissão Regional socialista quisesse impor o seu modo de ver nacionalista à redacção do seu órgão, esta replicou:

1º. Não está ainda provado que os nove décimos da classe operária compartilhem o ponto de vista da Comissão Regional (como esta tinha alegado).

2º. Mas ainda que os nove décimos do povo tenham sido arrastados pela corrente patrioteira e imperialista, aos sociais democratas compete não se deixarem levar por essas inépcias, e explicarem pelo contrario ao povo as verdadeiras causas desta guerra mundial. Que esta attitudão se impõe tanto mais que é preciso, agora mais do que nunca, mantermo-nos fiéis aos nossos principios.

Bravissimo!
A Comissão Regional multiplica então assuas censuras e acusações e a certa altura Crispian responde pela redacção:

«Não nos obrigareis a ser patrioteiros. Havemos de continuar a nossa luta contra as tendências de anexação. Não podemos, não queremos abandonar os nossos principios, nem mudar as nossas convicções nas circunstâncias presentes. Há na história da humanidade momentos em que é necessário que a segurança pessoal ceda a dianteira á necessidade de sacrificar a vida pela humanidade.»

Nesta altura, Merrheim comenta:

«Em vão procuraríamos em França tam nobres palavras, tam alta postura e tamanha fidelidade aos nossos principios e ás nossas convicções passadas.»

A valente Redacção é então expulsa da jornal pela Comissão Regional, mas a sua corajosa e digna attitudão é aprovada numa reunião das organizações socialistas de Stuttgart (capital do reino), Culingen e Hopppingen.

Merrheim cita ainda algumas instruções dadas pela direcção do partido e pela dos sindicatos á imprensa e organismos partidários no sentido de se combaterem as tendências de anexação e o patrioteirismo.

Infelizmente, pelas tendências e ideas de quem dá e de quem é incumbido de executar tais instruções, não parece que tenham sido bem cumpridas, ou que tenham sido entendidas numa acepção sufficientemente antiburguesa e revolucionária...

Merrheim conclui: «Que provam essas decisões? Muito simplesmente que os dirigentes das organizações socialistas e sindicais alemãs tinham podido, a principio, impor silencio com a sua disciplina formidável aos trabalhadores alemães; que a opposição á guerra não se manifestou sómente, logo desde começo, em Vurtemberg; que as minorias que por todo o imperio lutaram desde o principio criaram uma verdadeira corrente que, apesar da disciplina, faz curvar a vontade, arrasta os dirigentes das organizações operárias alemãs.

«Bela vitória dos principios e das convicções respeitadas e de-

fendidas por Karl Liebknecht e por milhares e milhares de operários anónimos alemães. Bela vitória que pressagia que os dirigentes do Social-democracia teutónica depois da guerra, terão duras contas a prestar ao proletariado germânico.»

Coisas historicas

4-1913 — Reclamando melhoria do situação, declaram-se em greve, no Barreiro, os descarregadores dos cais.

5-1913 — Os revoltosos republicanos da China, executam o vice-rei e o general Tien.

6-1903 — Em S. Paulo (Brazil) sai a *Voz do Desterro*, número único publicado por diversos anarquistas ali refugiados.

7-1830 — A Academia de Sciencias de França, é comunicada a descoberta da fotografia.

8-1806 — Inicia a sua publicação em Buenos Aires, *A Voz da Mulher*, semanário anarquista.

9-1905 — Morre em Marselha (França) a distinta escritora anarquista, Luiza Michel, cognominada, a Virgem Vermelha.

10-1837 — Inaugura-se, em Charleroi (Bélgica), o congresso dos mineiros.

Notas Rubras

Ano Novo

Começou ha poucos dias o ano de 1915.

O novo ano apresentou-se de má catadura, e, por conseguinte, demasiadamente agoirento para os espúrios filhos da sociedade...

1914 foi um dos anos que, através dos tempos, mais fundas impressões deixou na humanidade...

Essa guerra singular em que se trucidam milhões e milhões de seres em plena mocidade, o período mais belo da existencia, foi o ferrete ignominioso que o ano findo levou como galardão...

Não ha sobre a terra maior calamidade para a raça humana, maior flagelo para todo o ser vivente, que a Guerra—fomentadora do assassinato, da fome e da peste, triologia maldital

Embora, porém, o ano que decorre nos surgisse com aspecto carrancudo, eu alimento a dura esperanza de que ele será menos funesto que o seu antecessor. Profetiso que a Conflagração terá o seu epilogo durante a sua existencia. E bom será que assim succeda... Por que só então os corações alanceados, torturados, pelo sofrimento que lhes ocasiona a Guerra, refforirão de novo, despertando para o Amor, para a Vida para a Luta...

Imoralidades nas oficinas

Torna-se indispensavel accentuar que é verdadeiramente grande a falta de moralidade em muitas oficinas, sobretudo naquelas onde se empregam operários dos dois sexos.

Ha tempos chegou até mim a informação de certos factos passados numa fabrica de fiacção e tecidos ali no Bonfim, que revelam ausencia de moralidade, principalmente da parte dalguns «mestres» que, valendo-se da sua situação de superiores, forçam varias operarias a entregar-se-lhes.

Ainda ha poucos dias o «mestre geral» dessa fabrica, um velho sensualista, tentou violentar uma sobrinha do porteiro, não conseguindo levar a efeito aquele acto bestial e infame por este ter comparecido a tempo.

Torna-se, pois, indispensavel aplicar um antidoto energico em certas creaturas preventidas e libidinosas para que uma mulher que se vê na necessidade imperiosa de alugar o seu esforço para viver não seja obrigado a ceder a sua carne para que lhe não tirem o trabalho.

C. Rodrigues.

O Eco Telegrafo Postal

Começou a publicar-se nesta cidade, no dia 1 do corrente mez, um quinzenário assim intitulado, «defensor das classes menores dos correios e telegrafos».

Como jornal de classe, apresenta-se com certo brilho. A sua redacção é na rua da Porta do Sol, 12-1.

Estimamos que tenha uma larga existencia.

As creanças e a guerra

Ha dias, na rua do Ouçô ou no Chiado—não estou bem certa em qual das ruas foi—vi duas creancinhas que levavam nos bonets e nos vestidos a cor dos aliados.

Alguem das suas relações que estacionava ali, á porta de qualquer loja, pôs-se em frente delas e exclamou com entusiasmo: «Vivam, seus valentes! Vivam os aliados e morram os alemães! Assim é que deve ser De pequeninos é que se lhes ensina o patriotismo e o amor pela liberdade!»

A mãe das creanças sorriu e aprovou: as criancinhas—a mais velha das quais devia ter sete anos—riram também: e o mais pequenino observou:

—Eu tenho vinte soldados de chumbo franceses e vinte alemães. Os franceses já tiraram a cabeça a dois alemães.

—Bravo, bravo!

E outros em redor riram, felizes.